OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano IX
Edição 214
Colaboração: R$ 2
De 14 a 20/4/2005
WWW.PSTU.ORG.BR

SUBMISSO AO IMPERIALISMO, OPRESSOR DOS POVOS DA AMÉRICA LATINA

HAITI
Brasil lidera a ocupação e reprime a população. Admiração pelo futebol canarinho já não funciona

BOLÍVIA
Petrobras é a maior multinacional do país, explorando a principal riqueza do povo boliviano: o gás

MERCOSUL
Com o acordo comercial, o Brasil atua como plataforma para os interesses das multinacionais na região

Páginas 6 e 7

OCUPAÇÕES COLOCAM A NECESSIDADE DE O MST ROMPER COM O GOVERNO

Página 4

A POÉTICA REVOLUCIONÁRIA DE VLADIMIR MAIAKOVSKY

Página 10

PLANOS DE 'PAZ' TENTAM APLACAR INTIFADA PALESTINA

Página 11

RECLAMAÇÃO *Lula disse que "quanto mais você faz, mais o povo quer". Com o aperto da política econômica e o fracasso dos programas sociais, o povo ainda tem muito o que exigir.*

PÁGINA DOIS

NA FIESP *O deputado Paulo Delgado (PT-MG) foi convidado para o Comitê de Responsabilidade Social da FIESP e declarou: "Podem contar comigo na próxima reunião".*

COIOTE DO PT

O prefeito petista de São Felix de Minas (MG), Wanderley Vieira, está sendo acusado de ser um dos chefes do tráfico humano na fronteira do México com os EUA. De acordo com as investigações da polícia federal, o prefeito cobra US$ 10 mil para promover a travessia clandestina. Calcula-se que, em média, 90 brasileiros atravessem por dia a fronteira americana.

MAIS UMA RUPTURA

No dia 2 de abril, o DCE da Universidade Federal de Goiás realizou um Conselho de Entidades de Base no qual foram aprovadas resoluções contra a reforma Universitária e a ruptura do Diretória com a UNE. A rompimento com a entidade é importante e dá-se nas vésperas do congresso da UNE, que será realizado justamente em Goiânia.

PÉROLA

""Antes de mais nada, quero pedir que Deus tenha piedade da alma do Papa João Paulo II. Acredito que, mesmo a partir de uma visão conservadora, ele deu importante contribuição à humanidade"

GERALDO MESQUITA, *mais novo senador do P-SOL, no início de seu discurso na tribuna do Senado, no dia 6 de abril. Detalhe: o senador subiu à tribuna para defender-se das acusações de nepotismo veiculadas na imprensa.*

CHARGE / *GILMAR*

SÓ PROPAGANDA

Em 2004, o governo gastou R$ 1,05 bilhão em publicidade – incluindo despesas com publicidade legal, produção de comerciais e patrocínio. Por outro lado, as verbas para a reforma agrária em 2005 chegam a apenas R$ 880 milhões.

NEPOTISMO DO P-SOL 2

O P-SOL saiu em defesa do senador Geraldo Mesquita, do Acre, recém-filiado ao partido. Logo após o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti, ter defendido como legítima a contratação de familiares, a imprensa deu destaque ao fato do senador do P-SOL manter nove parentes trabalhando em seu gabinete. A nota do partido segue a mesma lógica feita pelo picareta Severino, afirmando que "o senador não cometeu nenhuma ilegalidade, seus funcionários todos trabalham e, independente de vínculos familiares, são pessoas qualificadas".

CÂMARA MACHISTA

Os vereadores de São José dos Campos, no dia 31 de março, aprovaram um Projeto de Lei que proíbe a prescrição médica e distribuição da pílula do dia seguinte pelos postos de saúde da cidade. O projeto é de autoria do vereador Lino Bispo (PHS), que faz parte da intitulada "bancada da fé".

A posição dos vereadores deu-se após o desgaste provocado pela rejeição popular ao reajuste dos salários de 60,5%, autoconcedido pelos parlamentares, mas que foi derrubado pela pressão popular. O projeto votado pela Câmara machista é inconstitucional. Detalhe: um vereador, contrário à distribuição, é dono de uma farmácia, onde vende a pílula.

CÂMARA HIPÓCRITA

A câmara de vereadores de São José também votou, na semana passada, uma moção de repúdio ao **PSTU**, *alegando que a edição 213 do* **Opinião Socialista**, *que trata da morte do papa, é um "desrespeito" contra o cidadão. Pura hipocrisia. Os defensores de tal moção (a "bancada da fé") são os mesmos vereadores que votaram pelo aumento dos seus salários e contra a distribuição da pílula do dia seguinte.*

KIT MASSACRE 1

No dia 7 de abril, a Justiça concedeu um habeas corpus ao confesso mandante e executor da chacina de Felisburgo (MG), o fazendeiro Adriano Chafik. Agora o assassino aguardará o julgamento em liberdade. Em janeiro, três pistoleiros envolvidos no crime também foram libertados. De acordo com o MST da região, um grupo armado voltou ao acampamento dos sem-terra para dizer que "o serviço ainda não tinha terminado".

KIT MASSACRE 2

A libertação do mandante da chacina em Felisburgo lembra o tratamento dado ao caso pela Justiça e pelo governo. Na época do crime, o ex-deputado Plínio de Arruda Sampaio definiu a ação do governo como um "kit massacre". Quer dizer, Lula e seus ministros fazem declarações indignadas; visitam o local (se possível acompanhando o enterro); prometem punição "implacável"; prendem alguns suspeitos (logo soltos); e anunciam uma porção de "factóides": tudo para se ter impressão de que o governo está agindo energicamente. Esse triste filme está se repetindo no caso da irmã Dorothy. Logo, será a vez do "Bida" ser libertado.

LEIA ESTA SEMANA NO SITE

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Cecília Toledo, Diego Cruz, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **REVISÃO** Maria Lucia F. C. Bierrenbach **PROJETO GRÁFICO** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105-6316
www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - (82)9903.1709 (81)9101.5404 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval (96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42, Centro, *alagoinhas@pstu.org.br*
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C , Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727 www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Quadra 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 212-9969 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Rua dos Afogados, 169, sl. 8, Centro (98) 258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
CENTRO - FLORESTA Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO - Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5, Pça. Via do Minério
BETIM - R. Inconfidência, sala 205 - Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA *juizdefora@pstu.org.br*
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, Bairro Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 9617.2944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Rua Alfredo Buffren, 29/4, Centro

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81) 3222-2549 *recife@pstu.org.br*
CABO DE SANTO AGOSTINHO R. José Apolônio nº 34 A, Cohab

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21) 2293-9689
JACAREPAGUÁ - Praça da Taquara, 34 sala 308
DUQUE DE CAXIAS -R. das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Coronel Carlos de Matos, 45 - Centro
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
VALENÇA - valenca@pstu.org.br
VOLTA REDONDA Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 Bairro Aterrado

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286-3607 *portoalegre@pstu.org.br*
BAGÉ - Rua Barão do Triunfo, 1635 - (53) 241-7718
CAXIAS DO SUL - Rua do Guia Lopes, 383, sl 01 (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - R. Dr. Luiz Bastos do Prado, 1610/305 Centro (51) 484-5336
PASSO FUNDO - XV Novembro, 1175 - Centro - (54) 9982-0004
PELOTAS - Rua Santa Cruz, 1441 - Centro (53) 9126-7673 *pelotas@pstu.org.br*
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 9989-0220, *santamaria@pstu.org.br*
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 225-6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 (tv. da R. Parapuã,1.800) V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL
Campo Limpo – R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior
Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br* *www.pstubauru.ig.com.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 *campinas@pstu.org.br*
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia (12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington Luiz, 43, Centro
GUARULHOS
R. Miguel Romano, 17 - Centro (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Dr. Corrêia, nº 191 - Bairro Shangai - Mogi das Cruzes - SP - (11) 4796-8630 *www.pstu.org.br/altotiete*
RIBEIRÃO PRETO Rua Paraíso, 1011, Térreo - Vila Tibério (16)637-7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO CAETANO DO SUL - R. Eng. Rebouças, 707 Oswaldo Cruz (11) 4238.7883
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho (15)3211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

É HORA DE COMEÇAR A VIRAR O JOGO

Lula está rezando para que a cobertura da sucessão do papa siga monopolizando os noticiários enquanto tenta abafar a crise e as denúncias que envolvem Henrique Meirelles e Romero Jucá.

Isso para não falar da sua crise parlamentar. Com a falida reforma ministerial, o governo perdeu o controle do Congresso, como demonstrou a derrota da MP 232.

Isto é particularmente grave, quando o governo e a CUT estão empenhados em garantir a aprovação da reforma Sindical no Congresso, ainda neste ano.

Fizeram tudo o que podiam para isso. Prepararam a reforma por quase dois anos em um Fórum, que reuniu as principais lideranças da burguesia e os pelegos da CUT e Força Sindical. Conseguiram apoio parlamentar, com a adesão dos partidos da base do governo mais o PFL e PSDB. Deflagraram uma campanha de mídia mentirosa, para mostrar que a reforma era para "acabar" com os sindicatos pelegos.

No entanto, as coisas não estão saindo conforme o planejado pelo governo. Para piorar a crise parlamentar, setores importantes da burguesia começaram a atacar a reforma, questionando a tímida organização de base, e exigindo a discussão concomitante da reforma Trabalhista. O governo não quer discutir agora a reforma Trabalhista, porque sabe que a retirada de direitos históricos, como as férias e o 13º, vai gerar muitas resistências dos trabalhadores. Prefere, então, começar pela reforma Sindical, sufocando toda resistência com o brutal controle sobre os sindicatos.

Mobilizar para derrotar as reformas de Lula

Esses setores da burguesia, porém, desconfiam das intenções do governo, e têm dúvidas se Lula realmente vai bancar o corte dos direitos dos trabalhadores. Por isso, não querem dar mais poderes às cúpulas da CUT e Força Sindical, sem ter a contrapartida da reforma Trabalhista. A proximidade das eleições também aumenta a desconfiança da burguesia, que teme que milhões de reais arrecadados pelas centrais sejam usados na campanha de Lula.

Agora a direção da Força também está defendendo uma emenda pela unicidade sindical, abrindo brechas na posição dos defensores do projeto.

Está armada uma crise importante entre os defensores da reforma Sindical, que poderá ser utilizada para derrotar o governo. Para isso, no entanto, será fundamental ter mobilizações de massas que consigam impor esta derrota. As crises na superestrutura podem ser resolvidas entre eles, com uma nova reforma ministerial, ou um acordo do PT com a burguesia. A força real da campanha contra as reformas deverá vir das mobilizações, que até agora não existem. Na luta contra a reforma da Previdência, em 2003, tínhamos menos crises na frente governista, mas muito mais mobilizações com a greve do funcionalismo.

Foi uma vitória a formação da Frente Unitária contra a reforma Sindical, que possibilita uma unidade de ação entre a Conlutas, a esquerda da CUT, o PCdoB, e outros setores do sindicalismo. Isto possibilita diversos atos nos estados contra a reforma.

Para derrotar a reforma, no entanto, é necessário muito mais. Precisamos levar esta discussão para a base e realmente conseguir superar a falta de conhecimento sobre o tema e mobilizar setores importantes de massas. Esta é a proposta do plano de lutas da Conlutas, que começa com os atos do 1º de Maio, e logo depois mobilizações nas categorias na primeira semana de maio. No segundo semestre, teremos uma marcha a Brasília, em unidade de ação com toda a Frente constituída.

É hora de começar a virar o jogo. Derrotar uma reforma neoliberal deste calibre será fundamental para o movimento dos trabalhadores.

FALA ZÉ MARIA

O programa e a prática

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do *PSTU* e integra a Coordenação da Conlutas

O PT assume no seu programa as normas do FMI

No último fim de semana, reuniu-se no Rio de Janeiro o chamado "campo majoritário do PT", que reúne as correntes que controlam 65% dos postos de direção desse partido. Estiveram presentes alguns dos principais caciques petistas, como os ministros José Dirceu, Antonio Palocci e o presidente nacional da legenda, José Genoíno.

O encontro serviu para definir a tese que será levada ao 13º Encontro Nacional do PT, em dezembro.

A nova tese substitui a definida no encontro anterior, em 2001, que defendia a ruptura com o FMI. Na nova tese, todos os postulados do FMI são reivindicados, começando pela "política fiscal", ou seja, as metas de superávit fiscal, que cortam as verbas de saúde e educação para garantir o pagamento da dívida aos banqueiros. Trata-se de ajustar o programa do PT à prática de dois anos do governo Lula. Várias lições podem ser tiradas desse episódio.

A primeira é que a esquerda petista vai ter que se retorcer muito para poder justificar sua permanência em um partido que assumi como programa as normas do FMI, de forma descarada.

O texto do campo majoritário adota os termos da chamada Terceira Via, que engloba o primeiro-ministro britânico Tony Blair, o ex-presidente norte-americano Bill Clinton e o atual chanceler alemão Gerard Schroeder. Esta corrente defende explicitamente o neoliberalismo, agregando alguns programas sociais para disfarçar a superexploração dos trabalhadores. Só para recordar, o PSDB de FHC reivindica também a Terceira Via.

A segunda lição é sobre a noção de democracia praticada no PT. Aparentemente são muito democráticos, porque todos falam o que querem. Na verdade, são ultraburocráticos, pois o partido só faz o que seus parlamentares e governantes querem, e não o que suas bases decidem. O encontro de 2001, que determinou o programa da campanha eleitoral de Lula, votou pela ruptura com o FMI. O governo Lula fez exatamente o oposto, aplicando um plano econômico de continuidade ao FHC. Agora, com o peso do aparato do Estado nas suas mãos, não existe nenhuma possibilidade da corrente majoritária perder o próximo encontro, e legalizar sua prática como o novo programa.

MST REALIZA OCUPAÇÕES, MAS MANTÉM TRÉGUA COM GOVERNO

MOVIMENTO critica corte de verbas para a reforma agrária, mas não rompe com o governo Lula. É preciso que a direção do MST rompa com o governo e se junte à luta contra as reformas neoliberais

YARA FERNANDES, da redação

Começa a surtir efeito o anúncio do corte de verbas do orçamento deste ano. Um dos principais cortes foi na área da reforma agrária e comprometeu mesmo a realização das mais tímidas metas. Resultado: o MST resolveu anunciar um novo Abril Vermelho – onda de protestos pela reforma agrária.

As ocupações de terras já se intensificaram nesse início de mês. Em Pernambuco, o MST ocupou 24 áreas. Já na Bahia, cerca de 800 trabalhadores ligados à Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) ocuparam três fazendas no sul do estado.

No entanto, a marcha para Brasília, que estava prevista para ser o maior momento das mobilizações de abril, foi adiada para maio, devendo chegar à capital do país no dia 17 do próximo mês.

MUITA ENROLAÇÃO

Diante do Abril Vermelho, Miguel Rossetto disse que não tem como garantir o cumprimento de metas de reforma agrária com o orçamento disponível, mas avaliou que os cortes foram legítimos. *"Não posso dizer que eu vou cumprir uma meta quando, por razões que são legítimas, fazem parte do debate público, há uma diminuição de recursos"*, afirmou o ministro.

A meta para 2005 era assentar 115 mil famílias. Depois do corte, de R$ 2 bilhões, a verba que restou somava R$ 1,7 bilhão. Desses, só R$ 480 milhões poderiam ser usados para obtenção e desapropriação de terras em 2005. Rosseto chegou até a reconhecer que a verba para assentamentos terminaria no próximo mês. Em meio às pressões do Abril Vermelho, o ministro foi obrigado a desbloquear cerca de R$ 400 milhões. Com esse acréscimo, ele diz que poderá assentar mais 30 mil famílias, chegando a um total de 70 mil no ano, insuficiente para atingir a meta de 115 mil.

Um Abril Vermelho 'desbotado'?

ARQUIVO MST

Durante esses dois anos de governo Lula, apesar dos próprios dados oficiais representarem uma política completamente distante daquilo que os movimentos sem-terra reivindicam, o MST, a partir de sua direção, resolveu dar um voto de confiança a Lula. Dois anos passaram-se e ficou claro que a reforma agrária não será feita por esse governo, que tem como tarefa número um pagar juros da dívida e submeter-se ao FMI. Entretanto, enquanto outros movimentos intensificam a luta no campo, a trégua do MST continua.

Apesar da trégua que a direção do movimento dá a Lula, a própria base dos sem-terras já apresenta sinais de revolta e descontentamento. Prova disso são as diversas ocupações ocorridas independentemente de chamados da direção ou da convocação de um Abril Vermelho. Segundo balanço da Ouvidoria Agrária Nacional, o número de ocupações no primeiro bimestre superou em 37% as ações do mesmo período do ano passado. Em janeiro e fevereiro de 2005, houve 22 ocupações de terras em todo o país, contra 16 em 2004.

LUTAS PELA REFORMA AGRÁRIA E CONTRA AS REFORMAS NEOLIBERAIS

Ao liberar R$ 400 milhões a mais, o objetivo do governo petista não é o de fazer reforma agrária e atingir as metas, mas tentar conter o movimento de ocupações. Para isso, contam com a trégua do MST que evita entrar em choque com o governo. Em declaração ao jornal *Folha de S. Paulo*, em 7 de abril, o dirigente do MST, Gilmar Mauro, garantiu que o movimento não irá fazer um Abril Vermelho maior do que o de 2004, e que a única orientação nacional é a respeito da realização da marcha nacional. Apesar disso, diversos movimentos têm intensificado as ocupações, principalmente em Pernambuco.

Já passou da hora de simplesmente cobrar promessas de campanha. É preciso que o MST generalize os protestos e ocupações e faça de fato um Abril Vermelho, rompendo com o governo. É preciso ter a coragem de enfrentar o governo do PT e de unificar as lutas do campo e da cidade contra a política neoliberal. O Abril Vermelho, inclusive a marcha à Brasília, deve ligar-se à campanha contra a reforma Sindical e Trabalhista, promovida pela Conlutas e outras organizações. Isso não irá acontecer enquanto a direção do MST continuar apoiando o governo, participando até mesmo da elaboração da reforma Universitária.

POLÊMICA / P-SOL

HELOÍSA HELENA NO SEMINÁRIO DO PDT E PPS

EDUARDO ALMEIDA, da redação

O PPS e o PDT estão discutindo uma candidatura única para as eleições de 2006, que busque capitalizar o desgaste do governo Lula, com perfil da chamada "centro-esquerda". São dois partidos burgueses, que discutem em cada estado se apóiam os governos do PT e do PSDB. Em São Paulo, o PDT está no secretariado de José Serra. Raùl Jungmann, do PPS, foi ministro da "reforma agrária" de FHC, com ligações explícitas com latifundiários do país.

Esses partidos perceberam que existe um espaço à esquerda deixado pelo desgaste de Lula, e querem criar um terceiro pólo, alternativo ao PT e PSDB. Como parte dessa tentativa, estão montando um "seminário das esquerdas" em Brasília, em 19 de abril. Segundo o site do PDT: *"São convidados intelectuais e acadêmicos, independente de filiação partidária ou sem filiação, e políticos vinculados aos partidos de esquerda e do centro democrático. O presidente do PDT, Carlos Lupi, citou nominalmente os senadores Cristóvão Buarque, do PT (DF), e Heloísa Helena, do P-SOL (AL)"*.

FOTO JOSÉ CRUZ / AG. BRASIL

Heloísa discursa no Senado

A presença de Heloísa Helena nesse seminário confirmaria, mais uma vez, as negociações eleitorais do P-SOL para 2006 com esses partidos burgueses, que já vem ocorrendo há algum tempo. Lembremos que Heloísa esteve no Encontro Nacional do PDT no fim de 2004, e que uma moção pela ruptura das negociações com o PDT foi derrotada no Encontro Nacional do P-SOL.

Parece-nos um equívoco grave que o P-SOL continue com essas negociações. Isso indica um caminho semelhante ao percorrido pelo PT, de alianças com partidos burgueses. A candidatura presidencial de Heloísa Helena poderia ter uma grande importância política, caso fosse construída como expressão das lutas concretas dos movimentos sociais da cidade e do campo, e em um marco de uma frente de esquerda, classista e socialista.

Uma carta aberta com essa proposta foi encaminhada pelo **PSTU** ao P-SOL, mas até agora continua sem resposta.

LULA SAI EM DEFESA DOS CORRUPTOS DE SEU GOVERNO

PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL, Henrique Meirelles, é acusado de ocultar patrimônio de R$ 100 milhões. Novo ministro da Previdência, Romero Jucá, deu sete fazendas fantasmas como garantia de empréstimo

LAVANDERIA MEIRELLES S.A.

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Henrique Meirelles poderá ir parar no banco dos réus, que é, na verdade, seu devido lugar. Um relatório feito pelo Procurador-Geral da República, Cláudio Fonteneles, acusa Meirelles de diversos crimes, como lavagem de dinheiro, remessas ilegais ao exterior e crime eleitoral. O pedido de abertura de Inquérito Criminal foi entregue na terça-feira, 5 de abril, ao Supremo Tribunal Federal (STF).

O relatório do Ministério Público que acusa Meirelles afirma que *"as suspeitas de existência de recursos localizado no exterior são bastante evidentes"*. Meirelles estaria envolvido numa complicada rede de empresas e sócios, no país e no exterior, para tentar ocultar o patrimônio declarado por ele à Receita, que seria de aproximadamente R$ 100 milhões. Ele seria proprietário de várias offshore (empresas em paraísos fiscais) e teria se utilizado de uma emaranhada engenharia burocrática (alterando documentos, trocando sócios etc.) para ocultar que, de fato, era o único controlador dessas empresas. *"Isso favorece a lavagem de dinheiro e dificulta o cruzamento de dados da Receita Federal, na fiscalização de rotina, bem como facilita a utilização de recursos não declarados em campanha eleitoral"*, explica o relatório.

O MP pretende investigar o presidente do BC também por outras denúncias, que envolveriam fraudes na sua declaração do Imposto de Renda, na época em que concorreu a deputado federal pelo PSDB, e a remessa de US$ 1,4 bilhão feita pelo Boston Commercial, controlado pelo BankBoston, que, em janeiro de 1999, durante a desvalorização do real, era presidido por Meirelles.

NÃO À INDEPENDÊNCIA DO BANCO CENTRAL

O governo do PT pretendia retomar o debate no Congresso sobre a proposta de autonomia do BC, uma exigência do FMI para assegurar a continuidade das políticas econômicas de arrocho e as reformas neoliberais. Com BCs independentes, a aplicação das orientações do FMI estaria garantida, a salvo de mudanças de governos ou de orientações. O BC chegou a realizar um seminário, com a presença de Armínio Fraga e diversos ex-presidentes do banco, cujo tema principal foi sua independência.

Atualmente circulam no Congresso dois projetos nesse sentido: um mais completo, do senador Rodolpho Tourinho (PFL-BA), e outro, do senador Ney Suassuna (PMDB-PB), mais pontual. O de Suassuna é o preferido de Palocci, pois, diante da dificuldade para aprovar um projeto global, limita-se a fixar o mandato dos presidentes e diretores do BC. Se aprovado, retira de um próximo presidente o poder para alterar a diretoria do BC a qualquer momento.

FORA MEIRELLES

Meirelles sempre foi o homem de confiança de Palocci. Sua nomeação tinha como objetivo agradar ao FMI e aos agiotas do sistema financeiro internacional. Em tese, o ministro banqueiro deveria ser o responsável por controlar o fluxo de capitais no país e impedir a lavagem de dinheiro. Os escândalos de corrupção, contudo, confirmam que Lula botou uma raposa para tomar conta do galinheiro.

As acusações contra Meirelles não são novas. No ano passado, seu nome já esteve envolvido em um mar de lama e corrupção típicos do submundo do sistema financeiro. Mesmo sabendo que Meirelles era um corrupto, Lula o manteve à frente do BC e ainda lhe concedeu status de ministro para que o banqueiro escapasse da Justiça e assumisse o controle definitivo do BC pela sua independência.

Agora, o governo novamente tenta agir em favor de Meirelles. Com o apoio da mídia, acusam os procuradores de irresponsáveis, por conta das conseqüências que as denúncias contra Meirelles possam ter no mercado financeiro. Aliás, esse foi um dos temas preferidos no avião que levou a comitiva brasileira ao enterro do papa. Fernando Henrique, Sarney, Lula e Severino consideram que os procuradores estão indo "longe demais" e articulam uma retomada de projetos que coibam suas investigações, como a "Lei da Mordaça".

Em vez de punir quem denuncia, é preciso afastar imediatamente Meirelles do Banco Central, fazer uma ampla investigação e confiscar todo o seu patrimônio.

Meirelles: raposa no galinheiro

GOVERNO LULA quer apoiar "Lei da Mordaça" para coibir ação dos promotores públicos e defender corrupção de Jucá e Meirelles

Governo já sabia dos casos de corrupção de Romero Jucá

CASO JUCÁ: GOVERNO SABIA

Escândalos não são exclusividade de Meirelles. Os trambiques do recém-empossado ministro da Previdência, Romero Jucá (PMDB), também vêm ocupando as páginas dos jornais. O cardápio de denúncias é farto. Com pouco mais de três semanas no cargo, o ex-senador é acusado de intermediar a liberação de recursos do Ministério da Saúde para a cidade de Cantá (RR) entre 1999 e 2000. Uma gravação telefônica teria registrado o envolvimento do ministro na cobrança de propina: *"Não esqueça a parte do senador"*, dizia o prefeito da cidade.

Outra denúncia afirma que a empresa Frangonorte, de Jucá, recebeu R$ 18 milhões em empréstimos, com recursos públicos do Banco da Amazônia, e que não foram pagos. As sete fazendas oferecidas como garantia por Jucá simplesmente não existiam.

QUEM DEFENDE?

O presidente Lula chamou o PMDB à responsabilidade de defender Jucá das acusações. Pelo que aparenta, porém, o PMDB não está nada disposto a enfrentar esse desgaste. Cabe lembrar que Jucá não foi indicado de forma unânime pelo seu partido. Sua indicação para o loteamento ministerial foi obra de Renan Calheiros, presidente do Senado.

Em uma reunião com Lula, o petista disse que *"confia no ministro"*, mas que era preciso que Jucá abafasse as acusações mostrando as ações "positivas" na Previdência. Quer dizer, abandonado por seus pares peemedebistas, restou a Lula tentar, como fez com Meirelles, livrar a cara de Jucá. Isso começa a ser feito, com a defesa feita pelo ministro José Dirceu.

Os escândalos de corrupção contra Jucá são de longa data. Lula sabia de acusações, sabia que Jucá era corrupto, pois recebeu um longo dossiê sobre os trambiques do ex-senador. Como o tempo corria contra o governo, a pressa em recompor a base governista no Congresso falava mais alto e Jucá foi nomeado com a desculpa de "combater" o suposto rombo na Previdência. Acontece que não existe nenhum rombo, pelo contrário, segundo estudo da Associação Nacional de Auditores Fiscais da Previdência Social (Anfip), as contas da Seguridade Social registram um saldo positivo de R$ 42 milhões. O mesmo estudo revela que o governo, em 2004, subtraiu R$ 17,6 bilhões da Seguridade para engordar o superávit primário. Ou seja, é o governo que mete a mão na Previdência para engordar os cofres dos banqueiros.

APROXIMAÇÃO DO PMDB

Lula tenta salvar Jucá ao mesmo tempo em que se aproxima do PMDB, numa tentativa desesperada de se reeleger em 2006. Passos já foram dados nesse sentido, quando Lula resolveu compartilhar com Rosinha Garotinho a intervenção na saúde do Rio de Janeiro e, recentemente, na reunião com o fisiológico Orestes Quércia.

Se os conchavos seguirem, é bem certo que o governo faça um novo loteamento. Resta a pergunta: quantos Jucás mais vêm por aí?

SUBMISSÃO COLONIAL AO NORTE E EXPLORAÇÃO AO SUL

EDUARDO ALMEIDA, da redação

O governo Lula despertou uma enorme expectativa, não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Afinal de contas, a ascensão de um líder operário ao governo de um país da importância do Brasil poderia apontar para uma luta contra a dominação imperialista em uma base completamente nova.

Isso poderia mudar o continente por dois motivos fundamentais. O primeiro é que a eleição de Lula coincidiu com a crise do neoliberalismo e uma série de lutas na América Latina, que levou à derrubada de governos de direita por insurreições na Argentina, no Equador e na Bolívia, assim como a eleição de governos de "esquerda", como o de Lúcio Gutierrez (Equador) e o de Chávez (Venezuela), e, mais recentemente, o de Tabaré Vázquez (Uruguai). Esperava-se que Lula liderasse uma frente contra a Alca e o FMI.

O segundo motivo é que o Brasil tem uma importância particular na dominação imperialista na América Latina. É a maior economia, a maior população e o maior país da região. Cumpre, porém, um papel duplo: é submetido e colonizado pelo imperialismo, e cumpre uma tarefa subimperialista, ao oprimir e explorar países menores do continente.

Uma ruptura real do governo Lula com essa dominação, seria de uma importância descomunal para todo o continente. Nós alertávamos, contudo, que isso não se daria, e que Lula seria um aliado de Bush. Polemizamos com a esquerda petista, que reconhece que Palocci aplica uma política neoliberal, mas caracteriza a política externa brasileira como "progressista".

Passados dois anos, a realidade deu-nos razão. Hoje, o Brasil cumpre seu papel subimperialista agindo com mais influência e eficácia em prol do imperialismo, porque tem Lula à sua frente e pode dialogar com amplos setores do movimento de massa.

Lula atuou em defesa das multinacionais na crise revolucionária da Bolívia, negou-se a apoiar a moratória ultratímida de Kirchner na Argentina, colocou o Sivam (defesa aérea da Amazônia) para bloquear as fronteiras brasileiras às FARC's, pressiona Chávez para um acordo com o imperialismo, faz de tudo para retomar as negociações da Alca, e colocou tropas, sob ordens dos EUA, ocupando o Haiti.

Não é por acaso que Condoleeza Rice, secretária de Estado de Bush, afirma que Lula é um *"exemplo para o mundo"*.

Soldados brasileiros patrulham ruas da capital haitiana

Mercosul: o subimperialismo brasileiro

EDUARDO ALMEIDA, da redação

O que é afinal o Mercosul? É um ponto de apoio para a resistência à globalização e ao imperialismo, como afirmam PT, PCdoB e todos os setores da esquerda reformista?

Na verdade, o Brasil é uma espécie de plataforma de exportações para as multinacionais, e o Mercosul é parte dessa estratégia da globalização.

A SERVIÇO DAS MULTINACIONAIS

Fundado em 1991, com o Tratado de Assunção, o Mercosul deslanchou em 1995, depois do Protocolo de Ouro Preto, e cresceu no governo FHC, junto com a onda da globalização.

Cerca de 95% do comércio entre os países do Mercosul realiza-se completamente livre de barreiras tarifárias. Esse acordo, porém, junta países desiguais: o Brasil tem 77,4% do PIB da região, a Argentina 20,0%, o Uruguai 1,7%, e o Paraguai 0,9%. A abertura tarifária beneficia claramente o Brasil. Mas não se trata de um benefício para o "Brasil", e sim para as grandes empresas multinacionais aqui instaladas, que podem exportar seus produtos para os países do Mercosul, sem nenhuma tarifa, condenando à falência as empresas desses países.

O Brasil exporta para os países imperialistas essencialmente matérias-primas e produtos agropecuários, como soja, carne e ferro. A exportação de produtos industrializados, com maior valor agregado, é feita para a América Latina.

O Mercosul, portanto, longe de ser um ponto de resistência ao imperialismo, é parte da divisão internacional de trabalho imposta por ele, para garantir um mercado para os produtos das indústrias multinacionais aqui instaladas, que não poderiam garantir-se só com o mercado interno brasileiro. Cerca de 36% das exportações brasileiras para o Mercosul são de automóveis, máquinas e produtos elétricos.

Isso significa que as montadoras de automóveis, lavadoras, liquidificadores, etc. (quase todas multinacionais) tenham aqui um mercado fundamental.

Existem pequenos atritos entre as propostas do governo brasileiro e do governo Bush, ao redor do Mercosul. Por exemplo, Lula propôs que o Mercosul negocie em bloco a entrada na Alca, mas Bush foi contra. Isso se dá porque o Mercosul não engloba só empresas norte-americanas, mas também as européias, como a Fiat e a Volkswagen. Isso, portanto, não tem relação com "resistência ao imperialismo".

PETROBRAS: UMA MULTINACIONAL NA BOLÍVIA

ESTATAL brasileira é a maior empresa da Bolívia, agindo como tal para garantir seus interesses no país

YARA FERNANDES, da redação

A Bolívia vive uma situação revolucionária. Em outubro de 2003, as massas foram às ruas e derrubaram Sanches de Lozada, cujo governo estava entregando as riquezas do país (em particular o gás) às multinacionais. Mesmo assim, Lula deu-lhe apoio até o fim. Depois que Lozada foi expulso do poder pelas massas, o governo brasileiro apressou-se em apoiar o vice-presidente Carlos Mesa, declarando que era preciso defender as "instituições democráticas". Mesa manteve a entrega do gás às multinacionais e recentemente quase foi derrubado por outra grande mobilização popular. Mais uma vez, Lula defendeu a continuidade de Mesa, e a preservação das "instituições".

INTERESSES EMPRESARIAIS

O papel subimperialista do Brasil pode ser visto com toda clareza na atuação da Petrobras na Bolívia. A Petrobras age como uma empresa multinacional, exatamente como as empresas estrangeiras fazem aqui no Brasil. Como qualquer multinacional, a empresa brasileira explora a mão-de-obra e usurpa as riquezas naturais da Bolívia. A Petrobrás é simplesmente a maior empresa da Bolívia, representando 20% do PIB (40% da produção industrial), e administra cerca de um terço do gás do país.

Instalação da Petrobras na Bolívia

A maioria absoluta dos bolivianos defende a nacionalização das multinacionais que controla o gás do país. Este foi um dos motivos centrais da revolta que derrubou Lozada. O vice-presidente Mesa assumiu o governo e promoveu um *referendum* fraudulento sobre a questão do gás, não colocando a proposta de nacionalização. Houve grandes mobilizações contra o governo, que também atacavam a Petrobras. Sua sede, por exemplo, foi palco de manifestações de camponeses.

Nesse período, Lula visitou a Bolívia para apoiar Mesa. *"Foi a visita de um neoliberal para apoiar outro neoliberal"*, disse o sindicalista Roberto de La Cruz, um dos líderes dos protestos.

Mesmo com as mobilizações, Mesa conseguiu ganhar de forma fraudulenta o plebiscito que substituía a nacionalização por impostos sobre as multinacionais. Mas depois ele decidiu reduzir os impostos definidos no *referendum*, por pressão das empresas petroleiras.

O presidente da Petrobras, Luis Eduardo Dutra, visitou a Bolívia em agosto de 2004 e defendeu *"uma lei que garanta a rentabilidade dos investimentos estrangeiros"*, opondo-se aos impostos sobre as petroleiras.

No início de 2005, ocorreu uma nova mobilização na Bolívia, mais uma vez motivada pela questão do gás, que quase derrubou Mesa. O presidente da Petrobras na Bolívia, José Fernando de Freitas, ameaçou retirar os investimentos da empresa, caso não fosse aprovado um imposto menor: Segundo ele, *"a Petrobras não vai investir na Bolívia se o Congresso aprovar uma lei de combustíveis que não garanta rentabilidade. Não entendam isso como uma ameaça irracional, mas é algo natural, se não dá não vai"*.

Para o governo brasileiro, a Bolívia é um mercado de investimento, do qual se espera lucros exorbitantes. Agora fica mais fácil entender a "defesa das instituições", dita por Lula.

Ocupação no Haiti: uma divisão de tarefas entre Bush e Lula

YARA FERNANDES, da redação

O governo Lula enviou tropas para ocupar o Haiti desde junho de 2004, sob as ordens de Bush.

A máscara da "missão de paz" já caiu. A ONG *Centro de Justiça Global* e a Escola de Direito de Harvard lançaram o relatório "Mantendo a Paz no Haiti?", que denuncia a missão da ONU, comandada pelo Brasil, de favorecer a impunidade e acobertar ações violentas da polícia haitiana. Pior que isso, o documento aponta violências cometidas pelas próprias tropas da ONU, em nome da paz. Tiroteios nas favelas de Porto Príncipe, morte de civis, estupros, prisões injustificadas, desaparecimento de presos, tudo isso faz parte da rotina das tropas e das operações da polícia, segundo o relatório.

Diante dessas ações, o carinho que os haitianos nutriam pelos brasileiros começa a sofrer abalos e a população passou a encarar as tropas de maneira bem menos amigável. Começaram a surgir as primeiras manifestações de revolta. Em 19 de março, houve uma paralisação do comércio da capital, Porto Príncipe, contra a violência. No dia 21, grupos de ex-militares haitianos declararam guerra contra as forças da ONU. No dia 20, dois soldados da ONU foram mortos em tiroteios com os ex-soldados.

O que as tropas brasileiras comandam no Haiti não tem relação com a paz. É uma verdadeira guerra diária de ocupação, assim como a que Bush encabeça no Iraque. Como os EUA não podem intervir em todos os países, necessita de tropas de "governos amigos", que façam o trabalho sujo por eles.

VENEZUELA: 'LULALIZAR' CHÁVEZ

JEFERSON CHOMA, da redação

Amplos setores da esquerda latino-americana consideram Chávez, diante do servilismo de Lula, um "grande combatente contra o imperialismo ianque". Na verdade, Chávez aplica em seu país todo o conjunto do receituário neoliberal, pagando religiosamente a dívida externa, beneficiando as petroleiras multinacionais e oferecendo algumas migalhas de política social compensatória.

O presidente venezuelano sofre ataques do imperialismo porque mantém algumas posições independentes na política externa, como, por exemplo, a oposição à ocupação dos EUA no Iraque. Algo que é intolerável para Bush. Depois de ter visto frustradas as tentativas golpistas contra Chávez, Bush hoje utiliza Lula para tentar buscar um acordo com o venezuelano e assim tentar enquadrar a sua política externa.

FOTO RICARDO STUCKERT / AG. BRASIL

Lula e Zapatero: mediando o conflito entre Chávez e Uribe

O diplomata espanhol Carlos Westendorp declarou, de maneira quase cândida, em uma reportagem ao jornal *El País*: *"Vamos tentar lulalizar Chávez, se for possível"*. Quer dizer, domesticá-lo e conduzi-lo a políticas externas mais "comportadas", como as de Lula. A política de mediação de Lula para a Venezuela constitui-se em um dos mais importantes instrumentos da ação recolonizadora do imperialismo norte-americano para a região.

Para compreender melhor a declaração do diplomata, vamos relembrar alguns fatos: logo após a tentativa de golpe, articulada pelo imperialismo em 2002, contra Hugo Chávez, Lula resignou-se em um silêncio vergonhoso e não saiu em defesa do venezuelano. Depois não ajudou a combater a tentativa de *lockout* (greve desencadeada pela direita golpista venezuelana, apoiada pelos EUA, para tentar derrubar Chávez) e ainda formou um grupo dos "Amigos da Venezuela" (amigos da onça, diga-se de passagem) com Bush, Aznar e Vicente Fox, presidente mexicano marionete do imperialismo, para "mediar" a crise.

A PRESSA DE LULA NA ALCA

JEFERSON CHOMA, da redação

Havia uma enorme expectativa de que Lula rompesse com as negociações da Alca. Desde o início, porém, de seu governo, ficou claro que essa nunca foi a intenção do presidente, e nem de seus negociadores. Ao longo de 2003, o governo brasileiro tentou de tudo para cumprir os prazos do fechamento do acordo, previstos para o início de 2005.

A proposta dos negociadores brasileiros foi a de aceitar a Alca, negociando um maior acesso dos produtos agrícolas brasileiros no mercado norte-americano. Lula só não conseguiu celebrar o acordo no prazo original porque Bush não quis enfrentar fazendeiros norte-americanos – setor que garantiu a reeleição de Bush – e seus milionários subsídios.

Terminadas as eleições nos EUA, no entanto, o governo brasileiro não demorou a tentar reativar as negociações. No Fórum Econômico Mundial, em Davos, os diplomatas brasileiros acertaram a retomada das negociações e muitas reuniões foram marcadas. Em visita aos EUA, o ministro da Casa Civil, José Dirceu, disse a uma platéia de empresários que o Brasil está disposto a aceitar os termos de propriedade intelectual (Lei de patentes) exigidos por Bush para dar andamento às negociações. Quer dizer, o Brasil tem mais pressa em retomar as negociações do que o próprio Bush.

A implementação da Alca significaria um retrocesso do país diretamente a uma colônia dos EUA, com a fome e o desemprego ampliando-se em escalas nunca vistas.

DEFLAGRAR A CAMPANHA SALARIAL JÁ!

DEFINIR um índice de reajuste emergencial e unificar as lutas do funcionalismo estão na ordem do dia

PAULO BARELA, da Direção Nacional do PSTU

O adiamento das Plenárias dos Servidores Federais, que deveriam ser realizadas em 16 e 17 de abril, conforme deliberado na última Plenária Nacional da categoria, é um golpe contra a luta do funcionalismo. A CNESF (Coordenação Nacional dos Servidores Federais) não poderia sobrepor-se a uma deliberação do conjunto de entidades que a compõe. Além disso, não só os servidores já estavam preparando a ida à Brasília como diversas entidades, que estão contra a reforma Sindical/Trabalhista, haviam marcado um ato unificado para uma data próxima à realização das plenárias, aproveitando a presença dos servidores na Capital Federal.

A CUT NÃO REPRESENTA MAIS OS SERVIDORES

O mais lamentável é o argumento utilizado pelos setores que defenderam o adiamento: a realização das plenárias estatutárias da CUT nos estados. Colocar a realização das plenárias e a organização da luta em segundo plano por causa da CUT é inaceitável! Ainda mais quando os servidores já definiram que a "CUT não fala em nome de suas organizações" nessa campanha salarial.

Como se não bastasse, pela primeira vez na história de luta do funcionalismo federal, uma campanha salarial é lançada sem um índice de reajuste. A não definição de um índice emergencial favorece a política do governo de arrocho e fracionamento das categorias. Além disso, ao não se definir um índice unitário, fica aberta a possibilidade de negociações paralelas, reduzindo a força de uma campanha unificada.

> **ADIAR A PLENÁRIA dos servidores foi um golpe contra o funcionalismo, além de ter prejudicado a luta contra as reformas**

RECUPERAR JÁ AS PERDAS NO GOVERNO LULA

As perdas dos servidores federais chegam a 144% desde janeiro de 95. Por isso, é preciso uma política que defina um calendário para a recuperação dessa defasagem. Nesse sentido, é preciso seguir o exemplo do ANDES-SN, Fenajufe e Sinasefe, que apontam para o índice de 18%, correspondente às perdas acumuladas durante o governo Lula, uma vez que ele, ao assumir a presidência, alardeou que, em seu governo, os servidores não teriam nenhuma perda salarial. Isso não exclui nem diminui a luta por planos de carreira para os mais diversos setores, considerando suas peculiaridades.

4 DE MAIO: DIA NACIONAL DE LUTA

Temos ainda que impulsionar um calendário de lutas pelas nossas reivindicações. A realização de um dia nacional de luta com paralisação em todo o serviço público federal em 4 de maio pode combinar uma ação dos servidores com as atividades de diversos outros setores da classe trabalhadora, que estarão desenvolvendo várias lutas contra as reformas e, também, por suas campanhas salariais.

FOTO YARA FERNANDES

MOÇÃO SOBRE A CAMPANHA SALARIAL 2005

Leia abaixo os principais trechos da moção que será apresentada nas Plenárias do Funcionalismo Federal, em 23 e 24 de abril, em Brasília

"Essa resolução (adiamento das plenárias) desmobiliza a categoria. (...) A CUT tem todo o direito de realizar suas plenárias, mas não concordamos em deixar a campanha salarial dos servidores e a luta contra as reformas serem prejudicadas pelo calendário dessa central. Ainda mais quando os servidores já definiram que a 'CUT não fala em nosso nome' nesta campanha salarial.

Outro problema é o fato de as últimas plenárias não terem aprovado um índice emergencial de reajuste para a categoria. Pela primeira vez na longa história de luta do funcionalismo federal, uma campanha salarial é lançada sem um índice de recomposição salarial linear. A não definição de um índice de reajuste emergencial favorece o governo e sua política de arrocho e fracionamento das categorias. Além disso, ao não se definir um índice unitário, reduz-se substancialmente a força para a concretização de uma campanha unificada do funcionalismo federal.

Portanto, reconhecendo que nossas perdas chegam a 144%, desde janeiro de 95, apresentamos a proposta de reajuste emergencial de 18%, correspondente às perdas acumuladas durante o governo Lula. Todavia, a luta por um reajuste emergencial linear para toda a categoria não exclui nem diminui a luta pela implantação de planos de carreira para os mais diversos setores, considerando suas dinâmicas e peculiaridades.

Por outro lado, há que se desenvolver um calendário de lutas imediato, que contemple as necessidades da campanha e dê sustentação às reivindicações da categoria. Assim, propomos para as plenárias nacionais setoriais e do funcionalismo federal a realização de um dia nacional de luta, com paralisação em todo o serviço público federal, em 4 de maio, buscando unificar esse dia com os demais processos de luta em curso no conjunto das demais categorias de trabalhadores ".

JUDICIÁRIO FEDERAL DE SÃO PAULO ROMPE COM A CUT

PAULO BARELA

Realizado entre 7 e 10 de abril em Campinas (SP), o congresso dos trabalhadores do Judiciário Federal foi um importante passo na luta contra as políticas neoliberais de Lula e seu braço sindical, a CUT. O congresso aprovou resoluções que apontam no sentido da unificação com os demais servidores federais em torno da campanha salarial 2005. Também aprovaram uma reposição emergencial que recupere as perdas no governo Lula, mais 6% de aumento real.

AGORA JÁ, CONLUTAS PRA LUTAR!

Este grito de guerra ecoou no plenário quando foi apresentado o resultado da votação sobre a participação do sindicato na Conlutas: 62 votos a favor, 36 contra e 7 abstenções. Antes, em uma votação histórica, os delegados aprovaram uma resolução de desfiliação da CUT, que teve apenas sete abstenções e nenhum voto contrário.

> **Proposta de desfiliação da CUT não teve nenhum voto contrário**

"Foi uma grande vitória dos trabalhadores do Judiciário Federal de São Paulo, mas que se estende para o conjunto de nossa classe. A CUT já não representa mais os interesses dos trabalhadores deste país", *afirmou Ana Luiza, dirigente da Fenajufe e militante do PSTU. Tão logo a mesa anunciou o resultado pela desfiliação, militantes de base recortaram de uma faixa o símbolo da CUT e a queimaram no próprio plenário, sob os aplausos de todos os presentes.*

"Frente à recomposição das organizações dos trabalhadores em curso em nosso país, este congresso não poderia se omitir e, por isso, votou favoravelmente à participação de nossa entidade na construção da Conlutas, que tem sido o principal instrumento de nossa classe, na organização da luta dos trabalhadores contra as reformas", *reafirmou Ana Luiza.*

A UNE, 25 ANOS DEPOIS DE SALVADOR: DUAS OU TRÊS COISAS QUE EU SEI SOBRE ELA

VALÉRIO ARCARY, professor do CEFET-SP e membro da Direção Nacional do PSTU, foi delegado ao congresso de reconstrução da UNE em 1979, e candidato pelas chapas Novação e Mobilização Estudantil *nas eleições diretas da UNE*

Umas das teses apresentadas ao próximo congresso da UNE, defendida pela maioria da atual direção, publica uma declaração, que me é atribuída, elogiando a UNE – a de hoje e não a UNE do passado – como uma das entidades estudantis mais democráticas do movimento estudantil mundial. Essa declaração é falsa. Não fui consultado. Aqueles que a divulgaram estão usando o meu nome de forma desonesta. A corrente político-estudantil majoritária na direção da UNE – a *União da Juventude Socialista* (UJS) – decidiu publicar uma declaração feita anos atrás, fora do contexto, para gerar, conscientemente, confusão política.

Depois da eleição do governo Lula, a localização política da UNE mudou de tal maneira que ela ficou irreconhecível. Passou de uma oposição, às vezes condicional ou limitada às políticas educacionais do MEC sob Paulo Renato e FHC, para um apoio acrítico à gestão de Tarso Genro. A decadência política da UNE é hoje indissimulável: na maioria dos centros mais avançados e organizados do movimento estudantil, que permanece sendo as universidades públicas, a direção da UNE não é mais uma referência. Na verdade, a direção da UNE é desprezada pela ampla maioria do ativismo estudantil real e, se essa crise de representação nos remete aos impasses do movimento estudantil, desde muitos anos atrás, se agravou de maneira aguda depois da eleição de Lula. A subordinação política ao governo, dificilmente, poderia melhorar esta situação, e deixar de se expressar em métodos degenerados para manter o controle do aparelho. A manipulação de uma declaração é um dessas conseqüências, mas não é a mais importante.

É verdade que, no passado, antes da cooptação da UNE pelo governo, elogiei a UNE mais de uma vez – creio que merecidamente – em entrevistas gravadas, e em textos escritos, como sendo uma das entidades mais democráticas do movimento estudantil em escala internacional. Não é desconhecido que, nas últimas duas décadas, na maioria da América do Sul, sequer existiam organizações estudantis nacionais com alguma mínima representatividade e, quando existiam, eram controladas, freqüentemente, pelos governos, e dirigidas por forças reacionárias. Na Argentina, por exemplo, um dos países que mantem, comparativamente, maior proporção da juventude em idade escolar matriculados em universidades, o controle das entidades estava sob influência dos *Radicais*, e os congressos estudantis eram indescritíveis, de tão artificiais, burocráticos e manipulados. Nos anos 80 e 90, bastava um pouco de bom senso para reconhecer que a UNE era uma entidade diferenciada, estruturada sobre um movimento estudantil com vida, luta, disputa, controvérsias, alternativas e campanhas.

Congresso de reconstrução da Une, em Salvador (1979)

Paradoxalmente, agora que esse quadro melhorou um pouco, com algumas experiências animadoras de mobilização e organização estudantil ao lado dos trabalhadores – e independente do Estado – na Argentina, no Equador, na Bolívia e na Venezuela, a UNE brasileira passa para a retaguarda da retaguarda: aceita, alegremente, o atrelamento ao governo Lula que, na reforma Universitária, assegura uma anistia fiscal de dezenas de milhões anuais ao setor privado de ensino – pendurado com empréstimos milionários no BNDES – enquanto prossegue o abandono das universidades públicas. A reforma Universitária do governo do PT, no qual o PCdoB detém posições-chaves, defende até a participação do capital estrangeiro na educação, mas atenção, (ufa!) limitado a "só 30%". Isto porque é um governo de forças "nacionalistas": ai de nós se não fossem.

Escrevo estas linhas com amargura, porque, quando voltei para o Brasil, dediquei alguns anos de militância à UNE. É com emoção que me recordo do Centro de Convenções em Salvador em 1979, ainda em obras – na verdade, não mais do que uma estrutura de concreto nua – onde muitos milhares se reuniram, desafiando a ditadura para o congresso de reconstrução. Foi lá que votamos a histórica Carta de Princípios que definia para a UNE um campo de classe. Foi lá que juramos que a nossa UNE estaria sempre ao lado dos trabalhadores, e da luta do povo mais pobre e mais oprimido. Essa UNE que era de todos nós – de uma gente que não temia a ditadura –, infelizmente, não existe mais. Agora que a geração de Salvador chegou ao poder, receio que, afinal, não éramos muitos os que levamos aquele juramento a sério.

> **"Essa UNE, é triste admitir, não existe mais. A UNE que vai fazer congresso será somente um instrumento auxiliar do governo Lula. Não pertence aos estudantes. Ao lado da CUT, é um cadáver insepulto"**

De qualquer forma, mesmo recorrendo à perspectiva que os anos nos oferecem, levando para longe a inocência, creio que os sentimentos vividos naqueles dias na Bahia ainda sejam uma parte do melhor que carregamos em nós. Guardo, também, excelentes recordações pessoais das polêmicas com Aldo Rebelo – ásperas, talvez até exaltadas, nunca ofensivas –, Marcelo Barbieri e Paulo Massoca, nos congressos em Piracicaba de 1980 e 81. Tenho orgulho de ter estado presente, já como convidado para debates, em muitos dos Congressos e CONEG's da UNE.

A UNE esteve na linha de frente da resistência ao governo Figueiredo entre 1979 e 1984, e cumpriu um papel na campanha *Diretas Já*. Em seu melhor momento, a UNE foi a entidade que furou o cerco e encabeçou o *Fora Collor* em 1992. Assumiu essa responsabilidade, quando o partido majoritário na esquerda, o PT, era hostil à mobilização para derrubar o governo, denunciando a campanha para derrubar Collor – afinal, um presidente eleito – como "golpista", menos de seis meses antes da votação do *impeachment*, o que aumenta o mérito de quem estava contra a corrente.

Supostamente, sua trajetória ao longo dos últimos 25 anos não poderia estar isenta de crítica, mas isso é hoje polêmica histórica. A UNE titubeou, em minha opinião, algumas vezes diante do governo Sarney, por exemplo, e creio não ser injusto se ainda me lembro de alguns ziguezagues durante o governo FHC. Não poderia esquecer que, há mais de uma década, talvez, que a UJS só permanece como maioria elegendo muitas centenas de delegados em universidades privadas – das regiões mais remotas e arcaicas do país – onde as condições de isolamento ou de repressão impedem a existência de um movimento estudantil. No entanto, somando e diminuindo, a UNE passou intacta, senão incólume, como um ponto de apoio ou um espaço de construção da frente única para a luta pelo ensino público e gratuito, até à adesão ao governo Lula.

Essa UNE, é triste admitir, não existe mais. A UNE que vai fazer congresso será somente um instrumento auxiliar do governo Lula. Não pertence aos estudantes. Ao lado da CUT, é um cadáver insepulto. Permanecerá, possivelmente, e até poderá prosperar como um aparelho atrelado ao MEC. O seu destino parece indivisível do julgamento que a história vier a fazer do governo Lula. E a história será mais implacável que estas palavras.

Leia no site a íntegra deste artigo

MAIAKOVSKY: REVOLUCIONÁRIO NA VIDA E NA OBRA

HÁ 75 ANOS, em 14 de abril de 1930, o poeta, escritor e dramaturgo russo, Vladimir Maiakovsky, disparou um tiro contra o próprio coração. Vítima do stalinismo e da repressão burocrática que também invadiu o campo das artes na ex-União Soviética, Maiakovsky é, até hoje, símbolo daqueles que dedicaram sua vida a desfazer as fronteiras entre arte e revolução

"Memória!
Convoca aos salões do cérebro
um renque inumerável de amadas.
Verte o riso de pupila em pupila,
veste a noite de núpcias passadas.
De corpo a corpo verta a alegria.
esta noite ficará na História.
Hoje executarei meus versos
na flauta de minhas
próprias vértebras".
"A flauta vertebrada", 1915.

"Come ananás, mastiga perdiz.
Teu dia está prestes, burguês."
"Come Ananás", 1917

***WILSON H. DA SILVA**, da redação*

Nascido em 19 de julho de 1893, Maiakovsky mesclou a atuação revolucionária à produção artística. Filiado aos bolcheviques desde 1908, amargou 11 meses de prisão, quando ainda era um estudante de 16 anos (em 1909), em função de sua atividade militante.

Foi essa experiência que o levou à pintura, considerada como a melhor forma de expressar seu repúdio à sociedade repressora em que vivia. Foi por meio da pintura e na Escola de Belas Artes (da qual ele seria expulso posteriormente) que Maiakovsky aproximou-se do Futurismo – o movimento artístico surgido na Itália, que tinha na sua origem a exaltação da velocidade, do movimento, da modernidade e da ruptura com as tradições e a estética do passado –, tornando-se um dos principais poetas identificados com o movimento.

Depois da revolução de 1917 o poeta colocou toda sua arte a serviço do Estado revolucionário: escreveu textos de propaganda, desenhou cartazes para campanhas políticas, escreveu peças e atuou em filmes utilizados para divulgar os princípios da revolução. Com enormes posters, fez dos trens soviéticos uma poderosa ferramenta de divulgação das idéias revolucionárias. Também viajou para Europa Ocidental, México e EUA, utilizando de seu sucesso como artista para fazer propaganda para a revolução.

Preocupado com a organização dos artistas no Estado revolucionário, entre 1923 e 1925, o escritor também editou, com Osip Brik, a revista *LEF* (Frente de Esquerda da Arte) que serviu como aglutinadora e porta-voz daqueles que queriam levar o calor da revolução para o campo das artes.

A partir de 1925, sua poesia tornou-se um tanto mais amarga, principalmente depois da morte de Sierguei Iessiênin, um de seus melhores amigos e um dos grandes poetas da revolução, que encontrou no suicídio a saída para sua crescente desilusão com a situação soviética, após a morte de Lenin. Foi a Iessiênin que Maiakovsky dedicou um de seus mais belos poemas, condenando a atitude que ele próprio viria a adotar cinco anos depois, e cunhando um de seus mais conhecidos versos: *"Melhor morrer de vodca que de tédio!"*.

Como sempre na vida de Maiakovsky, essa nova situação política impregnou sua arte. São vários os exemplos, um dos melhores é a peça de teatro *Os banhos*, de 1930, na qual o escritor se utilizou da sátira, um de seus estilos prediletos, para criticar a crescente influência da burocracia que estava se incrustando no aparato do partido e do Estado.

Esse confronto com a burocracia acirrou-se no fim de sua vida. As apresentações públicas de seus poemas e a representação das suas peças começaram a enfrentar-se com problemas "legais" e com audiências cada vez mais hostis, que, incentivadas pelo aparato stanilista, protestavam contra o estilo de Maiakovsky e seus temas "pouco revolucionários".

UMA VÍTIMA DO STALINISMO

A estética futurista de Maiakovsky, marcada pelo experimentalismo e pela ruptura com a tendência realista de autores como Tolstoi e Dostoievsky (idolatrados no período revolucionário), nunca foi inteiramente assimilada por seu povo e, até, pelos revolucionários. Se Trotsky foi um dos poucos a elogiar sua obra e Lenin chegou a declarar que não conseguia ler seus poemas, para o conservador e culturalmente limitado Stalin a obra de Maiakovsky significava puro lixo contra-revolucionário.

Não que o poeta não tenha feito obras abertamente políticas. Pelo contrário, exemplares são os fantásticos *Vladimir Ilich Lenin*, escrito quando morreu o líder soviético em 1924; *Ótimo*, escrito em comemoração aos dez anos da revolução. *A plenos pulmões* ou *À plena voz* seu fundamental poema-testamento, escrito em 1930, ironicamente o mais político e um verdadeiro manifesto antistalinista.

O inaceitável para o Estado stalinista, contudo, é que, por mais que ele tenha se dedicado à revolução, jamais submeteria sua escrita à lógica do "realismo socialista" defendido como padrão estético pelo stalinismo (veja ao lado).

Avesso ao texto fácil e à propaganda tacanha, em sua poesia, Maiakovsky sempre foi fiel à sua definição de que *"sem forma revolucionária não há arte revolucionária"*. Seus versos são livres, as rimas são inusitadas e a linguagem foge completamente do formalismo para mergulhar na fala cotidiana do povo, suas gírias e palavrões.

Além disso, seus temas remetem-se a tudo o que aflige o ser humano, não só o que poderia ser do interesse do governo stalinista. O amor – personificado fundamentalmente na figura de Lila Brik, mulher de seu amigo Osip e amante do poeta durante vários anos – surge em versos que trafegam livremente entre o romantismo rasgado e uma sensualidade desconcertante. A dor, experimentada na perda, nas guerras e na opressão, ganha forma e conteúdo em poemas literalmente cortantes.

Uma postura que deixa aflorar toda a sensibilidade de um poeta que um dia afirmou: *"em mim a anatomia ficou louca: sou só coração"*.

Um sensibilidade incompatível com a repressão e a censura cultural do stalinismo, a quem ele dedicou, em "À plena voz", que, hoje, ainda deve ecoar no ouvido dos herdeiros de Stalin e dos reformistas em geral: *"Os versos para mim não deram rublos, nem mobílias de madeiras caras. Uma camisa lavada e clara basta, para mim é tudo. Ao comitê central do futuro ofuscante... apresento, em lugar do registro partidário, todos os cem tomos dos meus livros militantes."*

UM MONSTRO CHAMADO 'REALISMO SOCIALISTA'

Oficialmente, a estética do stalinismo, o chamado realismo socialista, só se impôs a partir de 1934, quando foi instalado o 1º Congresso de Escritores Soviéticos. Contudo, o projeto elaborado por Andrej Zdanov, braço direito de Stalin, para a área cultural, já estava em voga desde o fim da década de 1920, tendo sido responsável pela submissão, fuga, prisão ou morte do melhor da vanguarda artística russa.

Basicamente, o que Zdanov pregava era a total submissão da arte à necessidade de educação e formação das massas para o socialismo, ou seja, a constituição de uma arte que não só fosse "proletária", mas também acessível e compreensível para o povo – o que, na visão stalinista, excluía qualquer forma de experimentalismo e abstração.

Nas artes plásticas, isso resultou em horrorosos cartazes e esculturas povoados por operários, camponeses e soldados cheios de vigor e saúde e na exaltação doentia à Stalin. No cinema, imperou a narrativa linear e a propaganda tosca. Na literatura e na poesia, uma mescla de tudo isso foi acompanhada pela censura a todo e qualquer tema que não se identificasse com os "princípios e valores proletários".

Foi contra essa monstruosa doutrina estética que Leon Trostsky e André Breton escreveram o Manifesto da Federação Internacional pela Arte Revolucionária e Independente (disponível no site do PSTU), em 1938, defendendo "a independência da arte, para a revolução; a revolução, para a liberação definitiva da arte".

SHARON, BUSH E ONU PATROCINAM A PAZ DOS CEMITÉRIOS

Mulheres e crianças, em ato contra assentamentos judeus

CECÍLIA TOLEDO, da redação

A paz está sendo construída! Agora somos todos irmãos! Esse é discurso que a mídia do mundo inteiro está vendendo sobre a situação na Palestina. Na verdade, tudo não passa de uma farsa montada para encobrir a continuidade da repressão contra os palestinos.

Depois da eleição de Abu Mazen para o lugar de Arafat, a "trégua" entre Israel e Palestina, patrocinada pelo imperialismo, confirmou o que dizíamos. Mazen lançou-se com tudo para tirar de seu caminho a resistência palestina, permitiu a consolidação e legitimação da ocupação israelense, com o avanço do processo de colonização de Gaza e Cisjordânia e o fim das esperanças de milhões de exilados palestinos de voltar para sua terra.

A CONSOLIDAÇÃO DA OCUPAÇÃO

O "acordo de paz" entre Sharon, Abu Mazen e Bush, patrocinado pela ONU e saudado por quase toda a esquerda mundial, é uma armadilha para calar a Intifada e consolidar a ocupação israelense. Inclui promessas vagas, como libertar prisioneiros, sem dizer quantos, devolver a Faixa de Gaza, sem dizer como, e outras frases de efeito para passar a idéia de que um acordo é possível entre invasores e invadidos, entre ladrões e vítimas.

Infelizmente, grande parte da esquerda mundial está caindo nesse conto do vigário.

Como era de se prever, uma a uma dessas "promessas de efeito" estão sendo sistematicamente violadas por Israel. Até agora, dos sete mil presos políticos, apenas algumas centenas dos "menos perigosos" foram libertados enquanto continuam presas as lideranças mais importantes, como Marwan Barghouti ou Ahmad Saadat. A promessa de parar a construção de casas para colonos judeus na Cisjordânia foi para o espaço. Desde que o plano foi assinado, 3.500 novas casas foram construídas na colônia judaica de Maale Adumin, a leste de Jerusalém. A promessa de desmantelar os assentamentos ao norte e ao sul de Jerusalém também virou o contrário. Os assentamentos de Ariel, no norte, e de Gush Etzion, ao sul de Jerusalém, estão sendo ampliados.

Com a promessa de devolver Gaza aos palestinos no fim do ano, Israel está cercando e pilhando a Cisjordânia a toque de caixa. Os planos do governo israelense ignoram o Acordo de Paz. Segundo o jornal *Yediot Aharonot*, a Autoridade de Terras de Israel, encabeçada pelo vice-primeiro-ministro Ehud Olmert, planifica a construção de milhares de novas casas em várias comunidades na Cisjordânia. Dados da Autoridade dizem que há atualmente 123 assentamentos, com 223 mil residentes, número que cresce na ordem de 3% ao ano. Se o plano de Sharon é realmente sair de Gaza, preventivamente ele está reforçando seu controle sobre a Cisjordânia, território que, para ele, jamais será devolvido à Palestina. É a consumação do roubo, da ocupação de terras palestinas por Israel.

Em Gaza, um milhão de palestinos vivem confinados em condições de miséria absoluta, e 8 mil colonos judeus, protegidos por soldados armados até os dentes, ocupam um terço do território, formado pelas terras mais férteis. Mesmo que eles saiam, Gaza continuaria cercada, sem soberania, com controle das fronteiras e aeroportos, e as autoridades palestinas estariam obrigadas a reprimir os palestinos que lutassem contra isso.

O plano de devolver realmente a Faixa de Gaza é uma farsa. As forças de ocupação israelenses estão começando a construção de um segundo muro em torno dela para separá-la de Jerusalém. *"O plano é construir, em julho, uma barreira improvisada, temporária, nessas áreas onde uma barreira permanente não pode ser construída no momento, devido a razões legais"*, disse o chefe de Estado Maior de Israel, Moshe Ya'alon.

A PALESTINA VAI PAGAR SUA PRÓPRIA DESGRAÇA

Israel está legitimando sua ocupação a cada dia que passa, a cada plano que faz para enganar o mundo usando de forma indevida os sinceros desejos de paz que existem em todos os povos.

A humilhação dos palestinos chegou ao ponto de fazer eles mesmos financiarem sua própria desgraça. Não só têm sua terra roubada, como vão pagar por isso. O muro do apartheid será construído com financiamento do Banco Mundial (BM) com créditos concedidos à Autoridade Nacional Palestina (ANP). O coordenador de programa do BM para Cisjordânia e Gaza, Markus Kostner, disse que o banco vai financiar os postos de segurança entre Israel e Palestina, equipados com tecnologia de última geração. Como os empréstimos não podem ser feitos a Israel, porque o nível de ingressos per capita supera o mínimo imposto pelos estatutos do banco, os créditos sairão em nome da Palestina. Créditos esses, claro, que vão engrossar o montante da dívida externa palestina. Ao longo do muro, haverá postos de controle e vigilância para impedir que os palestinos cruzem a fronteira. *"O projeto ajuda a melhorar a eficiência na fronteira, mantendo e melhorando a segurança de Israel"*, disse Kostner. (*Rebelión*, 6/4/05).

O "ACORDO DE PAZ" é uma armadilha para calar a Intifada e consolidar a ocupação

A ESQUERDA MUNDIAL ESTÁ CAINDO NA ARMADILHA

O papel da ONU nesse plano maquiavélico é fundamental para que ele dê certo; é justamente cobri-lo com um manto de paz e democracia para conseguir dobrar a resistência palestina. E vem conseguindo. A Fatah e a Jihad Islâmica, dois dos mais importantes grupos que lutavam contra a ocupação, já aceitaram a trégua. O Hamas, o grupo mais forte em Gaza, anunciou que vai participar das eleições e do "processo de democratização". A Frente Popular pela Liberação da Palestina, mesmo atacando o acordo com Israel, o faz aceitando os marcos da ONU.

Infelizmente, a confiança que esses grupos vêm depositando nas promessas de paz e democracia está tendo efeitos devastadores sobre a resistência palestina. Hoje, de fato, há uma trégua na Intifada, tudo o que Sharon precisava para avançar o processo de colonização sobre a Palestina e consolidar a ocupação.

A ÚNICA SAÍDA É O FIM DE ISRAEL

Vencer um Estado racista e armado pelo imperialismo, como Israel, não é tarefa simples. Agora significa opor-se também à direção traidora da ANP, com Abbas à cabeça, que colabora com o ocupante. Porém, sem retomar a luta, é impossível conseguir a autodeterminação palestina. Mais cedo ou mais tarde a população palestina irá perceber que a única saída é a continuidade da resistência, da luta pela liberdade de todos os presos políticos, pelo retorno incondicional dos refugiados e exilados, pela derrubada dos muros e cercos construídos por Israel e a devolução imediata de todo o território palestino.

A paz com justiça não virá com "acordos" entre os ocupantes e suas vítimas. Outros "acordos" já mostraram isso. A paz que nos interessa só virá com a luta implacável, incessante e determinada dos palestinos, com o apoio incondicional de todos os povos oprimidos do mundo, pela destruição definitiva do Estado de Israel e a construção de uma Palestina laica, democrática e não-racista.

Jovens palestinos protestam contra o muro, no dia 9 de março

FRENTE SINDICAL FAZ ATO CONTRA REFORMA NO DIA 14 EM BRASÍLIA

É PRECISO APROVEITAR o momento de fragilidade do governo e construir mobilizações para derrotar as reformas

DIEGO CRUZ, da redação

Após a grande repercussão da manifestação contra a reforma em março, quando dezenas de sindicalistas vaiaram o ministro do Trabalho, um novo protesto ocorrerá no Congresso. Desta vez, o alvo será o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) 369, que o governo precisa aprovar antes de colocar o Projeto de Lei da reforma Sindical em tramitação. O ato está sendo organizado pela Frente Unitária Contra a Reforma Sindical, formada por vários setores que se opõem ao projeto de reforma. Durante a manifestação, os sindicalistas divulgarão um manifesto contra a reforma.

FOTO AGÊNCIA BRASIL

Ato na Câmara dos Deputados, no dia 16 de março

UNIDADE CONTRA A REFORMA

A Frente reúne setores como a esquerda da CUT, a CGT, a CGTB, a *Corrente Sindical Classista*, o Fórum Sindical dos Trabalhadores e a Conlutas. Esta Frente teve sua primeira reunião em 22 de março e está construindo uma agenda unificada para conscientizar os trabalhadores sobre os perigos da reforma, e também articular um plano comum de mobilizações para barrá-la. Após o ato do dia 14 no Congresso, os setores que estão lutando contra a reforma organizarão um 1º de Maio alternativo ao da CUT.

PELEGOS PELA REFORMA

Em 6 de abril, durante Audiência Pública na Câmara, a Força Sindical rompeu acordo com a central. A Força afirmou que apresentará uma emenda ao projeto mantendo a unicidade sindical. Com isso, a central de Paulinho quebra o que foi acordado entre as centrais e o governo, ou seja, aceitar o projeto de consenso do Fórum Nacional do Trabalho. Embora isso enfraqueça o "acordão" das centrais, os pelegos da CUT e da Força continuam seguindo na defesa do projeto do governo e tentarão enganar os trabalhadores nos seus atos-shows do 1º de Maio, para fortalecer a campanha em prol das reformas.

CONSTRUIR MOBILIZAÇÕES PARA DERROTAR GOVERNO E PELEGOS

Os trabalhadores devem aproveitar as crises políticas que o governo Lula enfrenta (como as sucessivas derrotas no Congresso, escândalos de corrupção com ministros etc.) para derrotá-lo. Hoje, sem dúvida alguma, existe um cenário favorável para que os trabalhadores possam derrotar a agenda neoliberal de Lula. Isso, porém, não basta. Se não houver mobilizações, o governo poderá se recuperar e retomar a ofensiva contra os trabalhadores. Por isso, é fundamental construir a luta contras as reformas Sindical e Trabalhista. Só assim podemos ampliar o desgaste do governo e convencer os trabalhadores de que as reformas são um profundo golpe contra os seus direitos.

Nesse sentido, além do ato do dia 14, a Frente Sindical também deliberou a realização de ações unificadas contra a reforma nos próximos meses, como o 1º de Maio alternativo, e uma grande marcha à Brasília no segundo semestre.

WWW.PSTU.ORG.BR

Nas suas últimas seis edições, o ***Opinião Socialista*** *publicou a série Raio-X da reforma Sindical, com artigos detalhando os principais aspectos da reforma.*

Os artigos da série foram reunidos em um caderno especial, que você pode baixar no site do ***PSTU*** *e reproduzir.*

PSTU.ORG.BR/DOWNLOADS.ASP

ENTIDADES PREPARAM 1º DE MAIO ALTERNATIVO E CLASSISTA

CONLUTAS e setores de esquerda denunciam a festa promovida pela CUT em defesa das reformas

No 1º de Maio do ano passado, a festa promovida pela CUT na Avenida Paulista reuniu um milhão de pessoas e, para 2005, a meta é repetir esse número. Apesar de, neste ano, não ter café da manhã de luxo no restaurante Fasano, o conteúdo vai ser bem pior. A CUT pretende transformar a comemoração em uma grande festa em defesa da reforma Sindical e Trabalhista.

Se, até então, os atos de 1º de Maio estavam perdendo seu caráter político de dia de luta dos trabalhadores, transformando-se em festas despolitizadas, agora a CUT extrapola essa visão e dá uma politização à direita para o evento. Para a central, não basta fazer uma megafesta, é preciso que defenda o governo, suas reformas e seus planos neoliberais. É preciso que os shows lotem as ruas para criar a sensação artificial de que a população apóia as reformas.

Para a megafesta da CUT, já estão confirmados os shows com duplas sertanejas e o ministro Gilberto Gil. A CUT e a Força Sindical devem gastar juntas entre R$ 5,2 milhões e R$ 5,6 milhões em suas festas. Para as atividades promovidas pela CUT, estima-se que os gastos sejam de R$ 3,5 milhões a R$ 3,8 milhões. Na atividade da Força Sindical, a previsão é gastar entre R$ 1,7 milhão e R$ 1,8 milhão, com shows e sorteios de carros e apartamentos. Os eventos contam com patrocínios de empresas como TAM, Telefônica e AmBev. Também há patrocínio de estatais como Petrobras, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal.

CONLUTAS CONVOCA ATOS CLASSISTAS

A Conlutas está convocando, junto com outros setores e entidades, atos alternativos e classistas contra as reformas nas principais capitais. Enquanto a CUT e a Força Sindical gastam milhões para fazerem atos despolitizados e governistas, a Conlutas pretende fazer um 1º de Maio de luta e classista contra as reformas Sindical e Trabalhista.

Em São Paulo, diversos sindicatos, oposições sindicais e movimentos populares já estão organizando um 1º de Maio de luta. No último 7 de maio, esses diversos setores, que preparam atos classistas, reuniram-se e divulgaram uma convocação para ampliar ainda mais a organização do 1º de Maio alternativo.

A convocatória é também um manifesto de denúncia contra a CUT e o governo Lula: *"A reforma Sindical permite acabar com direitos de quem tem carteira assinada e piorar a situação de quem está buscando o seu pão sem carteira assinada. Além disso, com o aval de muitos sindicalistas picaretas, coloca os direitos contidos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e na Constituição Federal em negociação, dando superpoderes de negociação às centrais sindicais".*

O texto finaliza com um chamado à construção de um 1º de Maio classista: *"A maioria dos sindicatos da CUT e Força Sindical realizará festas e sorteios patrocinados pelos patrões e pelo governo para defender a reforma Sindical consensual entre eles (...) Você é o nosso convidado a cerrar fileiras na construção de um 1º de Maio classista sem o patrocínio dos patrões, nem do governo".*

SAIBA MAIS

O CALENDÁRIO EM SÃO PAULO

25 DE ABRIL, 19h
Homenagem aos nossos lutadores
Atividade "Passado é de luta e o futuro tem que ser nosso"
Rua Guaporé, 240
(Perto do metrô Armênia)

28 DE ABRIL
Dia Mundial em memória de trabalhadores vítimas de acidente de trabalho e doenças profissionais
15h – Caminhada da Sé até o Largo de São Francisco
18h – Tribunal do Amianto Salão Nobre – Faculdade de Direito

1º DE MAIO
9h – Missa na Catedral da Sé
10h – Ato de Protesto na Sé